

Testosterona exógena: notas sobre a produção naturocultural das transmasculinidades¹

Tui Xavier Isnard²

*, Riacho sem início nem fim,
que rói suas duas margens e
adquire velocidade no meio.*

Deleuze e Guattari

Resumo

Este artigo é resultado da minha pesquisa de mestrado em antropologia social, realizada entre 2022 e 2023. Durante este período estive envolvido com a produção corporal das transmasculinidades através da aliança que meus interlocutores de pesquisa estabeleciam com a testosterona. O artigo que segue pretende tensionar noções de endógeno/exógeno, natural/cultural e sexo/gênero. A testosterona enquanto medicamento se figura como um artefato de produção corporal demandado pelas transmasculinidades. Partindo da noção de testosterona enquanto medicamento, pretendo ressaltar suas características de fármakon, droga e substância. As gestualidades polissêmicas e ambíguas da testosterona, como a aromatização, nos ajudam a deslocá-las da noção de virilidade, buscando com isso, alcançar uma reflexão acerca da processualidade da materialização dos corpos. A pergunta que me acompanhou nesses últimos anos é: como os hormônios participam da fabricação do corpo sexuado? Veremos neste artigo, como um corpo imaginado e produzido (nas e pelas) transmasculinidades relacionadas à testosterona provocam uma rearticulação do conceito de sexo, ao passo que a ingestão da testosterona produz um corpo em mutação.

Palavras chave: Testosterona; transmasculinidade; aliança

Introdução

Durante minha pesquisa de mestrado, analisei a relação entre transmasculinidades e testosterona como uma aliança de produção corporal. No percurso da pesquisa me dei conta que a agência da testosterona é usualmente descrita através da concepção de virilidade. Entretanto, a testosterona tem uma série de gestualidades instáveis propulsionadas pela relação que estabelece com outras partes do corpo e elementos técnicos que fazem com que ela faça outras coisas.

Se os hormônios sexuais são categorias bioquímicas e produções espontâneas do corpo responsáveis pelo crescimento de determinadas partes físicas compreendidas como gendradas em nossa cultura, o que ocorre no momento em que essas substâncias emergem

¹ Trabalho apresentado na 34ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2024)

² É transmasculino, doutorando em antropologia social pelo PPGAS-UNICAMP e mestre pela mesma instituição. Compõem a Rede Brasileira de Estudos Trans-Travestis. Contato: tui.antux@gmail.com

enquanto medicamentos que podem ser inseridos no corpo produzindo um aumento da taxa hormonal e por consequência uma remodelação da materialidade do corpo vivo?

Assim, o caminho dos hormônios, nesta pesquisa, envolveu percorrer: 1. produção espontânea e orgânica do corpo humano (natural/endógena), 2. produção laboratorial e sintética de uma molécula bioidêntica (artificial/exógena) e 3. ingestão do hormônio enquanto medicamento (naturoartificialidade/endoexógeno). Apontando para como o corpo se (de)compõem através do que está fora dele, nublando a pele como fronteira entre as categorias natureza/cultura e exógeno/endógeno. Se, como afirma Fausto-Sterling (2005), o sexo se torna bioquímica, para entender os devires dos sistemas de diferença sexual, é necessário buscar sua entrada na bioquímica.

A testosterona despontou como objeto de interesse dado que ela modifica o corpo com o qual entra em relação em níveis que podem deslocar a posição de gênero, mas, sobretudo, ela passa a atuar sobre o coneito de sexo. Portanto, pesquisar a testosterona é uma questão de sexo. As transmasculinidades fabricadas em aliança a ela apontam para a multiplicidade dos corpos. Uma vez que a intra-ação³ entre hormônio sexual e sujeitos trans revela a produção de um sexo hormonal que efetua um corpo que desencaixa o binário homem-mulher.

Tendo em vista o destaque da categoria sexo para pensar a fabricação da testosterona, pretendi dobrar para dentro e molecularizar a pergunta de Haraway. Ao questionar, no Manifesto Ciborgue (2009), porque o corpo tem que acabar na pele? A autora aponta para as próteses que se compõem ao corpo humano enquanto extensões físicas da pele para fora. Entretanto, nesta pesquisa as próteses bioquímicas são engolidas, ingeridas, injetadas, metabolizadas, e, de forma um tanto quanto aleatória, acontecem⁴ nos corpos, modificando-os sem precisão técnica, despontando em formações físicas singulares que fazem deslizar o binarismo exclusivo/excludente da categoria homem e mulher.

O corpo não só não acaba na pele, como é poroso o suficiente para redimensionar os relevos da pele a depender das relações bioquímicas que estabelece. Percorrer a interioridade

³Barad nos convida a pensar a dimensão processual da matéria, para a autora, é importante que vejamos a matéria “como participante ativa do devir do mundo” (BARAD, 2017, p.10)

⁴ Trago a noção de acontecimento implicado a proposta de Tsing no cogumelo do fim do mundo. Preocupada em analisar como um encontro se transforma em algo maior que suas partes, ou seja, como $1+1=3$. O 3 carrega consigo o caráter do acontecimento. Assim, quando o $1+1$ se contaminam mutuamente, o resultado não é a soma no sentido de sobreposição, e sim de intra-ação. Segundo Tsing é necessário abrir espaço para o acontecimento, visto que uma de suas características é o indeterminado e imprevisível. No caso da ingestão da testosterona em corpos com alta taxa de estrogênio a forma que estes entes hormonais vão se relacionar entre si, e com outras particularidades do organismo, passa pela dimensão do indeterminado, visto que as respostas fisiológicas não estão no controle humano.

do corpo atento ao retorno do exógeno como endógeno, nos ajuda a pensar como o sexo, e portanto, a natureza anatômica de um corpo é processual, ou, em outras palavras, como a natureza é produzida culturalmente.

Passei esses dois anos me perguntando: Como etnografar as relação que uma substância estabelece com um grupo de pessoas que se caracteriza pela intenção da mutação do corpo? Durante minha pesquisa me atentei a um ente não-humano que empurra a feitura do sexo-gênero ao limite ao excepcionalismo humano. Uma das perguntas centrais desse artigo, que me acompanhou ao longo do mestrado é: Como fazemos sexo-gênero e corpo com outros seres? No presente artigo, pretendo discutir as agências hormonais e as relações de controle e acontecimento expressas nos emaranhados humano-phármakon. Pretendo indicar que as produções corporais aqui descritas, relatam a emergência de viradas ontológicas e epistêmicas nos estudos de gênero em direção à multiplicidade do real (MOL, 2008).

A testosterona cria corpo, e esses corpos aliados à substância, demandam outro mundo, no qual o regime da diferença sexual é roído pela circulação de transmasculinidades. Portanto, o impulso desta escrita nasce da necessidade de pensar a relação estabelecida entre pessoas transmasculinas e testosterona como materialização processual do sexo que decorre em acontecimentos corpóreos instáveis.

Para pensar através das ambivalências da testosterona, me aproximo de Tramontano (2017) em uma busca por tensionar a noção de testosterona como virilidade. Aqui, caminhamos em direção a aromatização enquanto gestualidade da substância que se inclina ao ambíguo. A aromatização nos ajuda a observar a polissemia dos hormônios, dado que o trânsito bioquímico entre testosterona-estrogênio enuncia uma proximidade a noção de veneno-remédio que pode ser analisada desde a noção de phármakon que dá ênfase às características anti-substanciais/anti-identitárias do próprio hormônio testosterona. Mais adiante busco deslocar a reflexão da noção de subjetivação e apontar que as corporalidade metamorfoseadas tensionam o sistema binário de sexo-gênero e reivindicam um outro mundo.

1. Aromatização: travessuras bioquímicas

Conversando com uma geneticista que trabalhou desde os anos 80 com pessoas trans e intersexo ouvi dela que “da pra ver os cromossomos, mas os cromossomos não falam nada, podem produzir hormônios femininos e podem produzir hormônios masculinos, mas fora isso, não tem mais nada. Não tem nada no indivíduo que fale que ele é homem ou mulher, só os hormônios. Os hormônios falam.” A elaboração desta interlocutora me permite pensar nos

hormônios como eixo central da atribuição sexual do corpo humano, mas também, como agente. Os hormônios falam, diz Ana.

Ana analisava taxas hormonais de corpos intersexo para buscar uma verdade sobre o sexo do corpo e assim reconduzi-lo a um lugar que diminuisse as ambiguidades. A fala de Ana me ajudou a pensar a centralidade das substâncias hormonais na classificação sexual dos corpos. Os hormônios falam sobre o sexo, não necessariamente sobre o gênero, dado que o sujeito poderia chegar no consultório de Ana enunciando um gênero, e os testes feitos por ela e sua equipe, buscavam uma outra enunciação que não fosse da pessoa, mas da substância, referindo-se ao sexo. Levando em conta a formulação da geneticista, de que os hormônios falam, me pergunto duas coisas: O que os hormônios exógenos falam quando postos em relação com corpos transmasculinos? E como essas relações são produtoras de uma amarração entre sexo e gênero, dado a produção de um corpo sexuado através de uma biotecnologia que se refere a categoria do sexo?

Pessoas transmasculinas que se aliam a testosterona estão agindo sobre o sexo, visto que sua identificação de gênero é anterior a experimentação com a substância. O gênero já era, antes, algo que não se conformava ao feminino. O que a testosterona nos conta sobre o dimorfismo sexual⁵, e como uma escuta que se propõe a conversar com as características polissêmicas da testosterona pode contribuir para pensar a testosterona deslocada das noções comuns que temos sobre masculinidade e virilidade?

A escolha por transformar o corpo através de uma modulação da taxa da testosterona é uma opção por transformar o sexo, a carne, o corpo. Segundo Preciado (2018), o processo de ingestão de biocódigos de gênero (hormônios) que produzem ficções somátopolíticas (gênero) é um modo de molecularizar e substancializar a performatividade de Butler, Preciado propõem para isso o conceito de biodrag, efeito performativo que atua como

⁵ A anatomia sexual é dimórfica desde o século XVIII. A dimorfia sexual é um conceito que pretende apontar uma diferença no interior de uma mesma espécie. Segundo o dicionário etimológico de embriologia “Existência, para a mesma espécie, de duas formas distintas (macho e fêmea). A etimologia da palavra indica “di” - dois, “morphé” - forma, aspecto, aspecto exterior. Duas formas físicas. A dimorfia é sempre sexual. Um ideal regulador, que implica uma série de dispositivos que buscam garantir o binarismo. Se a anatomia é dimórfica desde o século XVIII, é apenas enquanto um regime de poder produtivo de corpos. Dimorfismo médico-jurídico. Se o saber sobre a anatomia se constitui enquanto um regime no qual apenas dois modos de corpos são possíveis (di), é porque a natureza sexuada dos humanos nunca foi dimórfica, algo que os usos que pessoas trans fazem de seus corpos, seja através de medicamentos hormonais, seja através de cirurgias, demonstra, no nosso tempo, a impossibilidade de estabilização de um regime anatômico dimórfico. Portanto, a anatomia do século XVIII é dimórfica, ainda que a natureza nunca tenha sido. E se pensarmos que esses usos dos corpos-tecnologias apontam para uma dismorfia? Dis, sendo prefixo de negação, separação. Um corpo que vai contra as formas em duas escalas. Contra os aspectos exteriores das regulações do corpo, contra os modelos de poder, contra a anatomia da cisgeneridade, contra a biologia do exclusivo/excludente. E também contra tendências de desenvolvimento do próprio corpo, contra algumas expansões da carne, contrafluxos hormonais. Um uso do corpo que bloqueia fluxos, desvia taxas e abre novos fluxos de expansão e contração da carne.

“imitação técnica da própria materialidade do ser vivo” p. 205. Portanto, a imitação do processo orgânico de um corpo, executada através de biotecnologias farmacêuticas, traz o conceito de performatividade de Butler, para outra escala.

Ao recuperarmos a noção de performatividade de Butler, poderíamos pensar na dimensão performativa das moléculas, tecidos, líquidos e órgãos de um corpo vivo. Os corpos são, aqui, empurrados e impulsionados pela relação que estabelecem com entes técnicos e, juntos, derivam uma série de acontecimentos, sendo alguns deles indeterminados. Aqui os hormônios exógenos podem ser pensados como substâncias orgânicas, moléculas, discursos e máquinas. Ou, como Preciado propõe, “cadeias de carbono e de discursos” (p.205).

[...] entender o conceito de Judith Butler de performatividade de gênero para além da imitação teatral e da “força performativa” linguística até a noção de living mimicry, a imitação técnica da própria materialidade do ser vivo” Chamarei esse processo de biodrag (...) e o definirei como produção farmacopornográfica de ficções somáticas da feminilidade e da masculinidade. O que está sendo representado e imitado tecnicamente pela Pílula já não é um código de vestimenta ou um estilo físico, mas um processo biológico: o ciclo menstrual (PRECIADO, 2018, p.205)

A performatividade se dobra para dentro da pele. Não são apenas apetrechos, roupas, ou próteses que colam e descolam do corpo, no limite da superfície da pele, que produzem uma percepção de ser/identidade. Com a inserção no mercado de consumo, estas biotecnologias carregadas de sentidos sexuais, os corpos que as incorporam passam a ser produzidos desde suas interioridades, enquanto femininos e masculinos. Esses medicamentos condicionam a forma da matéria, inundados, como vimos, de significantes engendrados. Eles movem o corpo em sentidos já previamente elaborados pelo ideal regulador de gênero.

Preciado, encantado pela testosterona em Testo Junkie, sugere que ela seja um ponto de enunciação sobre a possibilidade de adquirir uma “mais valia biopolítica” (PRECIADO, 2018, p. 250). Parece que para ele, a testosterona está implicada à virilidade e à feitura do corpo em uma masculinização branca, europeia e classe média. Em uma entrevista para o Canal Transdiário, Demétrio Campos⁶ diz:

Ser uma pessoa trans preta e periférica é bem... bizarro, tá ali lidando com outro tipo de masculinidade né, tipo, outra visão, então é tipo mais agressivo, é, você não tem muito espaço pra sua feminilidade, tá ligado? Os caras têm que sempre ser, ainda mais sendo preto, um cara viril másculo,

⁶ Demétrio Campos foi um transmasculino negro dançarino, nascido no Rio de Janeiro. Em abril de 2020 Demétrio se suicidou, hoje sua mãe, Ivone Conceição Campos Santos, segue na luta pelos direitos de pessoas trans. Além de conquistar justiça a memória de Demétrio, como a retificação de seu nome pós morte. Ivone acolhe, troca e se faz presente na vida de pessoas trans. Em 2021 foi inaugurado, em Cabo Frio, o ambulatório trans Demétrio Campo. Demétrio vive!

pegador, daquela forma... o pau grande, entendeu, dentro do falocentrismo do que é um cara preto, do que acham que é, mas tem múltiplas masculinidades né. Eu passei de uma mina assediada pra um cara oprimido. Nessa linha, porque por mais que seja naquele pique, uma sapatao caminhoneira, aquele pique bem másculo, mas teve tempo que eu não pude performar essa masculinidade (...) fica meio nessa linha aí, eu era assediado, olhado de outras formas e hoje eu sou tirado do cara que vai te assaltar ou te agredir, tem muito mais repressão policial também, é bem mais difícil.

Quando Demétrio diz “eu passei de uma mina assediada para um cara oprimido” ele menciona noções como passabilidade, ou otimização. Em que medida é possível ler a relação hormonal que Demétrio estabeleceu com a testosterona em uma chave de mais valia ou de produção de um corpo ideal? Que tipo de voz tem a testosterona em um corpo como o de Demétrio? Evidentemente a testosterona não faz o corpo de Demétrio e de Preciado (que pensa a masculinidade como branca) terem uma mesma enunciação. O ponto de amarração entre testosterona, sexo e outros marcadores da diferença é uma forma de seguir as gestualidades desta substância. Tramontano (2017) nos ajuda a pensar algumas perguntas específicas sobre as atitudes bioquímicas.

Afinal, o que a testosterona faz? Ela subjetiva? Incorpora? Expressa? Talvez. Podemos constatar que ela faz uma série de coisas distintas, para Tramontano “ela não é a produtora de masculinidade, nem indispensável para a noção de virilidade (...) a testosterona não faz um homem. Não há grande poder gerador, produtivo na testosterona” (2017, p.373) Como dito anteriormente, a identificação de gênero precede a relação com a substância hormonal. O hormônio que age sobre o sexo e produz mutações anatomofisiológicas, ao reposicionar os sujeitos nas grades e gradações do modelo da diferença sexual, faz emergir uma nova posição no mundo. Para Tramontano “o que a testosterona faz é expor, exibir, fazer aflorar, revelar uma virilidade prévia, por algum(ns) motivo(s) mascarada, dormente ou deliberadamente renegada pela sociedade” (2017, p.373).

Não me interessa, particularmente, analisar as relações humanos-hormônios desde uma perspectiva da subjetividade. Meu encanto pela testosterona nasce da capacidade transformativa que se expressa no corpo físico. A possibilidade de moldar a carne e adquirir outras formas. Assim, olhar para a testosterona como uma produtora de corpo-mundo me fez perguntar, que tipo de gestos bioquímicos ela pode produzir em diferentes associações. Uma de suas características, diga-se de passagem, bastante inquietante e travessa é a aromatização. Descobri, durante uma consulta médica, que a testosterona transiciona. Ela pode virar estrogênio.

Historicamente a endocrinologia se esforçou para estabelecer uma relação opositiva e complementar entre estrogênio e testosterona, entretanto, a própria testosterona toma a forma daquilo que se supõe ser seu inverso. Assim como as transmasculinidades. Durante meus atendimentos com outras pessoas trans em uma UBS de São Paulo, ouvi relatos sobre como a testosterona estabelece relações, ora de disputa e sublimação, ora de companheirismo com a progesterona e o estrogênio.

A vasta teorização que temos sobre os embates políticos e científicos ao longo da estabilização dos significados dos hormônios sexuais introduziu nos hormônios as disputas sociais de gênero. É comum ouvirmos em consultas médicas que o estrogênio está bem controlado (ou bloqueado) pelo aumento da taxa de testosterona. No caso de travestis e mulheres trans, o uso de estrogênio está muitas vezes relacionado ao uso de bloqueadores da testosterona, uma vez que a testosterona seria um hormônio “mais forte” que se “sobrepõe” ao estrogênio, e portanto, o estrogênio sozinho não é capaz de inibir a testosterona. Os processos endocrinológicos são descritos como uma guerra, em que as partes atacam, defendem e expandem suas atuações em diferentes territórios. No caso dos hormônios sexuais à essa guerra é atribuída uma percepção sexuada.

Um dos dados que diferencia um corpo-homem e um corpo-mulher em termos hormonais/moleculares é estabelecido por uma taxa⁷ de produção/atuação da testosterona e do estrogênio, variando também com a faixa etária de cada corpo previamente diferenciados em termos sexuais. Sendo que o corpo-homem adulto tem entre 249 a 836 ng/dL de testosterona, e corpo-mulher adulto 12,09 a 59,46 ng/dL. Assim, um corpo com útero que produz em maior quantidade estrogênio e em menor quantidade testosterona, quando entra em contato com a testosterona exógena, com a intenção de aumentar seus índices, é direcionado para uma faixa de 750, 800 ng/dL. Mas o que ocorre quando esse nível de testosterona passa dos 836 ng/dL?

⁷ A diferença de testosterona endógena entre homens cis pode ser de 587 ng/dL, enquanto a variação entre mulheres é de apenas 47,37 ng/dL. Esse abismo entre as taxas recomendadas aponta para uma maior supervisão e supressão da testosterona no corpo de mulheres cis do que de homens cis. Essas taxas funcionam enquanto ideais regulatórios, uma vez que incertos e dificilmente reproduzíveis. A volatilidade da testosterona, quando passada de 753, infringe no risco de ser metabolizada como estradiol (hormônio responsável pela feminilização anatômica) este fenômeno é chamado de aromatização. Assim, a variabilidade das taxas androgênicas é mais maleável tendo um teto limite no efeito da aromatização que ocorre no risco de desestabilização da virilidade imaginada como decorrente da testosterona. O que separa o limite da testosterona mais alta em uma mulher cis, da testosterona mais baixa em um homem cis são 106 ng/dL. Outro elemento interessante sobre medidas/quantidades é que uma vez a testosterona exógena passa a atuar no corpo, ela se torna indistinguível em relação à testosterona endógena, assim, o limite entre o que é de origem sintética, bioidêntica ou “natural” (produzida espontaneamente no organismo) se dilui uma vez que o hormônio em formato de medicamento entra em ação.

Como dito acima, a aromatização é um gesto da testosterona que faz a noção estática do gênero vacilar, a capacidade da testosterona em se transformar em estrogênio pode ser mapeada desde a matéria prima compartilhada entre ambos hormônios, no caso da raiz do barbasco, como nos relata Laveaga⁸ (2005). Após serem diferenciados/purificados em processos laboratoriais, essas moléculas seguem a se confundir quando são ingeridas e metabolizadas pelo corpo humano. Essa transição testosterona/estrogênio desafia o ideal de um binário exclusivo/excludente.

Aqui atua um terror de gênero, uma perspicácia mutante da testosterona, uma qualidade da própria molécula, que dificulta sua retenção representativa. Passada a taxa indicada, a testosterona se converte em estrogênio. Segundo Tramontano (2017) a testosterona “tem o hábito de se transformar em outras coisas, mesmo em seu exato oposto, o estrogênio” (p. 383) O autor agencia a molécula ao descrever sua transformação como um “hábito”.

2. Phármakon, dose ética, (anti)substância

Ao longo da pesquisa busquei deslocar a testosterona da noção de medicamento. Visto a proximidade entre as noções de medicamento, remédio, doença e cura, optei por perguntar o que mais a testosterona exógena pode ser. O problema desta pesquisa só pode ser circunscrito em um mundo industrializado e preenchido por objetos produzidos pela indústria farmacêutica. Pessoas transmasculinas relacionam-se com a testosterona na medida em que esse hormônio é sintetizado e comercializado. Portanto, a transformação de substâncias hormonais produzidas pelas corporalidades humanas (e outras que humanas), ao se tornarem um objeto cultural de alcance farmacêutico, figuram-se enquanto artefatos bioquímicos que entram no jogo das significações e montações anatomofisiológicas das transmasculinidades.

A tentativa de ver a testosterona sintética como algo mais que um medicamento disponibilizado por meio de receituários médicos se deu por um encontro com um contexto específico de usos transmasculinos que não estão necessariamente vinculados aos protocolos de atendimento do processo transexualizador do SUS, e que também não recorrem a

⁸ No fim dos anos 50 o reino vegetal começa a emergir enquanto potencial meio de extração da matéria prima para a elaboração de fármacos de hormônios sexuais. A testosterona já se supunha estabilizada, mas ainda não conseguia ser produzida fora do corpo, e portanto, comercializada. A espécie *Verbascum thapsus* (barbasco) passa a ser coletada por campesinos no sudeste do México e exportada para laboratórios nos Estados Unidos (LAVEAGA, 2005). As pesquisas que identificaram a molécula de diosgenina na raiz do barbasco modificaram o rumo destas populações campesinas e da produção de hormônios sintéticos em forma de medicamento. O barbasco passa a ser a possibilidade de produção tanto de pílulas anticoncepcionais (estrogênio) quanto de testosterona. A sintetização da molécula se propaga e os medicamentos despontam no mercado.

consultas pagas com endocrinologistas. Encontrar uma pluralidade de modos de usar testosterona insistiu que ela fosse pensada, também, enquanto droga. Qualquer outro medicamento regulado pela ANVISA também pode transitar por mercados ilegais, trocas e compartilhamentos entre usuários. Assim, subscrever a testosterona como uma droga, não é uma particularidade deste tipo de medicamento, mas ajuda a alcançar uma reflexão sobre direito ao uso e redução de danos.

Indo de encontro com as múltiplas facetas da testosterona também pude observá-la enquanto *phármakon*. Derivado do termo grego *φάρμακον* Derrida em “a farmácia de Platão” (2005) articula o conceito para pensar sobre a escrita. A palavra *phármakon* pode designar tanto um remédio como um veneno. Essa diferença entre remédio e veneno está circunscrita por uma diferenciação entre medidas/quantidades, o que qualifica que algo vá interagir com o corpo como remédio ou veneno não é a coisa em si, mas a quantidade de uso. Esse rastro é encontrado nas bulas de medicamentos no trecho que aponta “o que fazer se alguém usar uma quantidade maior do que a indicada?”. Assim, se supõe que a mesma substância que pode curar também é a substância que pode produzir estados de enfermidade.

Desta forma, não é possível pensar na coisa em si, seja ela a transmasculinidade, seja ela a substância testosterona. Elas, isoladas, não representam nada. É nas relações específicas que elas se amarram e seus sentidos vão sendo produzidos. Portanto, esta pesquisa não se preocupou em qualificar e classificar as partes que compõem o objeto de minha reflexão, ao contrário, quanto mais tentava definir algum status fixo, os agentes se mostravam arredios e apresentavam mais uma face travessa dos seus movimentos inquietantes. Tanto a testosterona quanto as transmasculinidades com as quais esta pesquisa se vincula têm algo de *phármakon*, podem mudar de qualidade dependendo da quantidade e das interações com as quais se vincula.

Digo mudança de qualidade sobre as transmasculinidades no sentido de que a materialidade do corpo é afetada de forma a produzir outros cheiros, relevos e texturas, e no sentido da testosterona como vimos através de sua capacidade de aromatização. Desvincular os usos transmasculinos de testosterona do referencial medicamentoso está inscrito em um esforço de despatologizar esta aliança que fabrica um corpo naturocultural⁹. Assim, abrir mão do binário saúde/doença em sentido de uma reflexão sobre mais potência e menos potência inscreve o sujeito transmasculino em um lugar de conhecedor e administrador da substância.

⁹ Haraway, no livro *Seguir con el problema* (2019).

A testosterona, portanto, pode ser compreendida como uma potência, um *phármakon* que, a depender da dose e da forma de administração pode produzir mudanças anatômicas.

Aproximar as relações transmasculinas com a testosterona de noções como *phármakon* e experimentação é um caminho que aponta para a dimensão de produção das corporalidades inscritos em um regime de poder farmacológico (PRECIADO, 2018) no qual, segundo Halberstam “o corpo trans*, dentro de tal sistema, nomeia o desejo de (e é resultado de) um coquetel de drogas” (2023, p.58). Demanda e resultado são termos que bagunçam noções como substância e efeito, sexo-gênero, interioridade e exterioridade. O coquetel de drogas que compõem o corpo trans* vem acompanhado de inscrições textuais que tem o corpo cis como referência.

“Este medicamento é contraindicado para uso por mulheres” diz a bula da Hormus¹⁰, e em seguida, “este medicamento não deve ser usado por mulheres, devido ao possível desenvolvimento de características masculinas”. A bula adverte: atenção homens, a testosterona pode virilizar suas “parceiras” atenção futuros homens pais “este medicamento pode ter efeitos adversos virilizantes sobre o feto”.

A priori a bula nos adverte que o corpo-mulher não deve se aproximar desta substância¹¹. A mulher pré-inscrita é discursada no relato da bula, como aquilo que não é o homem, o seu oposto fundamental, na mesma medida em que o homem é significado pela exclusão do que seria a mulher. Este medicamento e sua contraindicação estabelecem uma linha de corte entre os gêneros. Binário, exclusivo e excludente. O protocolo de uso de testosterona no processo transexualizador do SUS é nomeado como Terapia de Reposição Hormonal (TRH), alguns usuários qualificam a TRH como terapia ou tratamento.

Dado o tensionamento entre *phármakon* e medicamento, gostaria de indicar a adequação da noção de experimentação, em detrimento de terapia e tratamento. O que tento provocar, nessas substituições semânticas, é mais do que uma forma de falar sobre o uso, mas uma forma de estabelecer relações de aliança entre corpo e hormônio que se desenrolam em territórios avessos às noções e práticas patologizantes e paternalistas sobre pessoas trans.

Acredito que pensar os usos de testosterona como experimentações nos convoca ainda um outro campo de problemas. Começemos por perguntar quais são os sujeitos envolvidos nos processos de experimentação? Fabíola Rohden (2018), ao pesquisar as

¹⁰ Testosterona em sua face medicamento, produzida pela Eurofarma e distribuída pelo SUS no marco do processo transexualizador.

¹¹ A não ser em medidas altamente reguladas que pretendem atingir uma “melhoria libidinal” e um sujeito mais capaz de desempenho produtivo e sobre supervisão clínica, como aponta Fabíola Rohden (2018) com a noção de dose ética.

relações de indicação e administração médica de testosterona para mulheres cis, apresenta a formulação de um de seus interlocutores que, preocupado com a possível masculinização de suas pacientes, aponta para a noção de uma “dose ética” (2018, p.23).

Segundo Rohden “cabe ao médico ‘domar’ o potencial tóxico dos fármacos” (2018, p.23) No caso analisado pela autora, o potencial tóxico da testosterona seria a masculinização das mulheres cis, portanto, neste caso, a experimentação é intimamente vinculada ao poder de adestramento que o saber e a prática médica podem ter, ou tentam ter, sobre uma molécula. Nas relações específicas analisadas pela autora, o trabalho do prescritor é fazer a testosterona agir enquanto potencializador de libido e energia e silenciar suas potencialidades de modificação de pilosidade e engrossamento das cordas vocais. Nestes casos, a autora aponta para a noção de aprimoramento do corpo, dado um controle minucioso que pretende atingir o objetivo de manter o corpo produtivo, jovial e rentável.

Portanto, segundo Rohden, a dose ética seria aquela que não produz uma mudança de emissão de sinais de gênero do corpo-mulher-cis que relaciona-se com a testosterona. Fazer a testosterona agir de forma silenciosa e não emergir mudanças engendradas seria o trabalho do médico que busca domar o potencial tóxico na especificidade deste uso. Já nas relações estabelecidas com as transmasculinidades, o que se buscaria seria justamente o potencial que, para mulheres cis, é entendido como tóxico. A intenção destes usos é fazer a testosterona falar por meio dos nossos corpos. A noção de aprimoramento, no caso específico de meu objeto de pesquisa, é insuficiente para analisar as corporificações transmasculinas aliançadas a testosterona.

Encontro dois motivos para a não aplicação deste caminho: o acontecimento incerto é relatado com frequência nas experiências que acompanhei. As mudanças que não aconteceram, o medo de que algumas outras aconteçam, a dúvida de para onde este corpo vai. De forma que, algumas dessas ingestões abdicam da noção de projeto corporal e se abrem para a mutação biopolítica do sexo. Um segundo ponto que desarranja a noção de aprimoramento são as condições sociais das transmasculinidades. Como parte de um grupo invisibilizado¹² e com alto índice de suicídio¹³ em que medida o projeto corporal (ainda que exista para o sujeito particular) se realiza enquanto feitura de um sujeito produtivo e rentável?

¹² O manifesto da primeira marcha transmasculina de São Paulo, organizada pelo IBRAT-SP ressalta “Esta marcha não é apenas uma manifestação: é um grito coletivo em busca de reconhecimento, visibilidade e respeito para a comunidade transmasculina” ver mais em:

<https://www.ibrat-sp.com/post/manifesto-da-1%C2%AA-marcha-transmasculina-de-s%C3%A3o-paulo-2024>

¹³ “Estima-se que 42% da população Trans já tentou suicídio (...) 85,7% dos homens trans já pensaram em suicídio ou tentaram cometer o ato” ver mais em: <https://antrabrazil.org/2018/06/29/precisamos-falar-sobre-o-suicidio-das-pessoas-trans/>

O ruído que a noção de aprimoramento gerou durante minha pesquisa me fez seguir aprofundando na tentativa descritiva sobre o que a testosterona faz ou deixa de fazer. A testosterona também tensiona a diferença entre revelar e produzir. O problema em afirmar que a testosterona revela algo está em reificar uma noção essencialista da interioridade de um “eu” ou uma verdade do sujeito que é revelada para um “outro”. Neste caso, uma verdade autocontida (uma identidade) de gênero, uma masculinidade, ou um “ser homem” pré-social, pré-discursivo. Por outro lado, afirmar que a testosterona produz o homem ou a masculinidade nos coloca em um puro construtivismo social, no qual nada é nada até que o sujeito livre escolha o que fazer. Provisoriamente a noção de “emergir” me parece interessante para pensar a relação entre testosterona e masculinidade, ainda que não me pareça suficientemente precisa

No caso dos acompanhamentos clínicos com transmaculinos, a doma da testosterona se inscrevem em cuidar para que ela não aromatize, produzindo o efeito oposto ao qual o sujeito busca na relação com este fármaco, portanto, a feminilização seria, neste caso, o potencial adverso da testosterona. Dado as diversas relações nas quais a testosterona pode se implicar na feitura de corpos, e portanto, a impossibilidade de defini-la de forma estável, me deparei com o problema da representação.

Representar é um esforço de delimitar realidades dinâmicas, criar e cristalizar uma forma para coisas que mutam, seja pelo transpasso do tempo, seja pelos arranjos entre o que foi contido em uma imagem/ideia e outras coisas que passam a existir no mundo. E, ainda, de alguma forma, a representação subtrai a capacidade imaginativa de composição ao desenhar claras fronteiras entre o que é e o que não é o objeto a ser representado. Tal intenção representativa que se produz por afirmações figurativas, talvez, seja pouco propícia em uma etnografia sobre a testosterona e as transmasculinidades. Ambas as partes deste objeto de pesquisa se assemelham em uma sorte do indescritível, escapando e transgredindo ao esforço representativo.

É tão difícil dizer o que a testosterona é como dizer o que é a transmasculinidade; quando você começa a capturar, ela já mudou. Portanto, o que pode ser, ou acontecer, nesta singular aliança que nos convida a uma abstração? Ainda que manuais farmacológicos possam explicar em poucas palavras o que é e o que faz a testosterona, assim como discursos políticos que reivindicam direitos às pessoas transmasculinas também podem delimitar brevemente quem são e o que essas pessoas demandam, não tenho interesse de encerrá-los em uma imagem estável. Nem tampouco transcrever explicações bioquímicas sobre a testosterona e discursos de movimentos sociais sobre as transmasculinidades.

Utilizo a noção de substância e anti-substância em diálogo com Butler. Em *Problemas de gênero* (2017), ela tenta se livrar da noção de identidade enquanto algo necessário e anterior a linguagem. Ao perguntar o que pode significar a identidade, Butler apresenta alguns pressupostos: 1. idêntica a si mesma; 2. persistente ao longo do tempo; 3. unificada e 4. internamente coerente. Assim, Butler aproxima a noção de identidade com a de substância. Poderia dizer que a testosterona é anti-identitária, ao invés de anti-substância. Mas, visto que a noção de substância precederia e produziria, para Butler, a identidade, opto por utilizar o termo substância.

Vejam a testosterona em relação aos pressupostos da identidade. Ela é idêntica a si mesma? Ela persiste ao longo do tempo? Ela é unificada e internamente coerente? A aromatização e as trajetórias de picos e quedas não permitem afirmar de forma inequívoca nenhuma dessas perguntas. O gênero, assim como a identidade, pressupõe uma noção substantiva na qual existe um “eu” que responderia “sim” a todas estas perguntas. Butler segue “mas, se essas substâncias nada mais são do que coerências contingentemente criadas pela regulação de atributos, a própria ontologia das substâncias figura-se não só um efeito artificial, mas essencialmente supérfluo” (2017, p. 56).

Notar a contingência dessas respostas sobre identidade e substância abre caminhos para pensarmos, também, na produção de corpos e experiências que prescindem dos ditames da identidade e da substância, e a testosterona faz isso sem pedir licença aos discursos identitários. Portanto, se o gênero é sobre um “eu” idêntico a si mesmo e autocontido, uma insistência em permanecer na substância fictícia respondendo positivamente às modulações de poder que imprimem significados de gênero nos corpos, o sexo, ao contrário é sempre sobre “nós”. Tanto no sentido anatomobiopolítico, em que o sexo é sobre a população, a produção de novos seres, como no sentido de emaranhados de partes, o sexo é sobre relações específica entre genética, gônadas, hormônios e biotecnologias, um emaranhado no qual não conseguimos observar o começo e o fim de cada parte.

Assim como o hormônio exógeno, quando entra no corpo, se mistura e se perde com o hormônio endógeno. Neste jogo emaranhado, como afirmar uma substância ou uma identidade unívoca? Ainda que o olhar descritivo da ciência bioquímica sobre a testosterona tenha impregnado esta molécula de significados engendrados, sexuando-a enquanto hormônio sexual masculino e depois prescrevendo-a como produtora de virilidade, a testosterona subtrai o binário disjuntivo e assimétrico (Butler, 2017) que caracteriza as noções de feminino e masculino, ela junta e simetriza, em sua própria história de vida/percurso, estas noções que buscamos separar e hierarquizar.

A vida da testosterona é mutante e produtora de mutação. A testosterona exógena, quando aliançada aos diferentes corpos humanos, age sobretudo enquanto engrenagem de mutação. O medicamento que a sintetiza passa a ser um dispositivo de modificação sexual, independente de transição, ou de modelos/projetos de masculinidade, a testosterona nos ajuda a mudar.

Tramontano (2017) resume o que a testosterona faz: explicita signos. Se esses signos vão tender a um alinhamento com os binários ou não, na verdade, pouco importa. Dado que a testosterona não converte um corpo em outro, tendo o corpo cis como parâmetro de corpo possível. Os signos anatômicos – que são explicitados – confluem com outros signos anatômicos que se mantêm fixos. Os corpos transmasculinos que buscam testosterona exógena para modular as taxas hormonais de seus corpos, acabam por agir sobre o sexo através das mutações anatomofisiológicas que lhes ocorrem.

3. História biológica

Os corpos transmasculinos, ao buscarem uma relação com a testosterona, exercem uma imaginação sobre as mudanças corporais individuais que interferem nos processos de mutação do regime da diferença sexual. A ingestão da testosterona produz uma multiplicidade anatômica, semelhante àquela que Ana, a interlocutora geneticista, busca corrigir. O corpo que toma outras formas já não cabe no sistema rígido de divisões entre homem e mulher, a imaginação sobre o que podemos vir a ser é uma imaginação carnificada, montamos nossas anatomias através das substâncias hormonais.

Alai, durante uma entrevista sugeriu o termo “história biológica” para se referir às mudanças que produzia em seu corpo. Para ele, nós estamos recontando uma história da biologia que faz emergir novas dimensões de sujeitos. Se olhamos desde a perspectiva da relação entre transmasculinidades e testosterona, o sexo se põem em movimento, sua fixidez é inapropriada nesse caso, em que, o que muda não é o gênero. A disputa portanto, se da no campo da produção do sexo, que aqui, figura enquanto materialidade imaginada que empurra a história do dimorfismo sexual. Recuperar a noção de matéria de Barad (2017) se faz um interessante caminho para analisar as mudanças sexuais. Por matéria, Barad entende que,

Matéria não é pequenas porções de natureza, uma tábula rasa, superfície ou espaço em branco passivamente aguardando a significação; nem é um chão incontestado para teorias científicas, feministas ou marxistas. A matéria não é suporte, locação, referente ou fonte de viabilidade para o discurso. A matéria não é imutável ou passiva. Ela não requer a marca de uma força

externa como a cultura ou a história para completá-la. A matéria já é desde sempre uma historicidade em curso (BARAD, 2017, p. 25)

A historicidade em curso, como proposto pela autora, denota que as relações materiais entre humano-hormônio não implicam uma relação sujeito objeto. Não se trata, neste caso, de uma relação entre um humano atuante e um medicamento inerte. Como fazer um corte agencial entre a testosterona e o humano? Se pensamos na matéria como produto ativo no processo de materialização, o sexo-gênero passa a ser composto por instrumentos, e relações que não se limitam ao excepcionalismo humano. Não só a testosterona, mas máquinas de ultrassom e documentos jurídicos, materializam o corpo enquanto sexuado. Assim, Barad continua

Em uma abordagem realista agencial, a agência é liberada de sua órbita humanista tradicional. A agência não está alinhada com a intencionalidade ou a subjetividade humana. Nem implica meramente uma resignificação ou outros tipos específicos de movimentos dentro de uma geometria social de anti-humanismo. A agência é uma questão de intra-ação; é uma operação, não alguma coisa que alguém ou alguma coisa possui. (BARAD, 2017, p. 30)

Barad (2017) sugere o termo intra-ação ao misturar as noções de sujeito e objeto para alcançar uma análise sobre o fenômeno através da relacionalidade. Nem a testosterona, nem o sujeito transmasculino conseguem se separar em uma reflexão sobre a produção processual do sexo naturocultural. Assim como a ingestão de testosterona mistura os termos exógeno e endógeno, a relação entre transmasculinos e testosterona amarra os conceitos sexo e gênero de forma em que o sexo pode ser visto como uma produção de natureza sexuada através de biotecnologias farmacológicas.

A diferenciação entre interação e intra-ação se aproxima do problema apontado por Roy (2018). Preocupada com a forma que políticas de gênero essencializam a separação entre sexo e gênero a autora argumenta, “o uso de modelos binários e interacionistas de sexo e gênero na ciência e na medicina poderia funcionar para essencializar ainda mais essas identidades (2018 p.101)”. As identidades se tornam, ao mesmo tempo, autorreferentes e opositivas. No caso da separação entre sexo e gênero, o sexo é tudo que o gênero não alcança ser, e o contrário é verdade. O modelo exclusivo/excludente que funciona para pensar e estabilizar masculino/feminino, atua, inclusive, em como pensamos as categorias sexo/gênero. Os próprios conceitos se tornam, nos modelos interacionistas, pré-discursivos, naturais e trans-históricos. As alianças transmasculinas com a testosterona colocam o sexo em movimento ao produzirem uma mutação sexual do corpo.

Roy propõem que tratemos o corpo como um “acontecimento corpóreo que é capaz de transformação” (ROY, 2018, p.107) A autora nos convoca a “importância de entender os corpos e a biologia como microprocessos, e o sexo, em particular, como um evento composto por multiplicidade de diferenças” (ROY, 2018, p.108). Aqui, o sexo deixa de ser trans-histórico, pré-discursivo, passivo, fixo. O sexo posto em relação com a testosterona exógena é ato, acontece, se transforma. Como começar a reformular o sexo? Uma ética feminista da matéria, ou um feminismo molecular (ROY, 2018), pensariam em termos de porosidade, maleabilidade e desejo, implicados a um princípio de construção relacional.

Assim, capacitamos a entrada de mais elementos, encontros e movimentos para pensar o sexo enquanto fenômenos e, portanto, reformular o sexo enquanto acontecimento corpóreo. As práticas trans de produção corporal, quando teorizadas, podem alcançar um feminismo que tenha coragem de reformular o sexo. A coragem de olhar movimentos hormonais de transmasculinidades enquanto produção de um novo modo de (des)habitar o sistema da diferença sexual não se resume a uma curiosidades sobre pessoas trans. Portanto, o interesse de pesquisa deixa de ser sobre a produção de subjetividade que desalinha o sujeito trans das normativas de sexo-gênero, para um interesse que busca explicitar a artesanaria trans em produção da matéria corporal, sem buscar uma unidade subjetiva.

Assim a testosterona se tornou meu objeto de interesse. Quando a testosterona exógena é ingerida, o que os exames de sangue atestam é uma mudança no nível do hormônio no corpo, como vimos anteriormente. Esta mistura faz com que não exista mais a testosterona endógena e a testosterona exógena. Existindo apenas uma circulação diferencial de testosterona, ativada e capaz de se expressar e fazer o corpo/matéria falar de outro jeito. A mudança da matéria empurrada pela atuação da testosterona, seria aqui, o fenômeno.

Como vimos no tópico anterior, Tramontano (2017) se esforça em apontar que a testosterona não produz uma masculinidade, mas ela tem outros gestos, como por exemplo aflorar a masculinidade. A testosterona, em si, não é responsável. Ela faz o que acaba fazendo sendo posta em relação com muitos outros componentes, tanto bioquímicos, orgânicos, como próteses, roupas, modos, gestos.

Neste caso, a relação natureza/cultura foge ao dualismo, natureza passiva/inerte, cultura feitora e propositora de movimentos. Roy (2018) propõe a diferença entre reação e resposta como modo de observar a agência dos entes não humanos. Dizer, por exemplo, que a testosterona responde ao estrogênio produzido pelos ovários, sobrepondo-se a ele, é diferente de pensar que o encontro entre testosterona e estrogênio produz uma reação do corpo.

Pensar, portanto, como a testosterona responde ao mundo de coisas postas em relação com ela, é observar as suas capacidades responsivas além e aquém dos símbolos de virilidade. Até porque, como já bem sabemos, a testosterona responde a sua súbita elevação, tornando-se estrogênio.

Pensar a agência como relações que constituem fenômenos pode nos ajudar a desfazer a hipercodificação da testosterona em si. Halberstam nos auxilia a pensar a potência trans* de imaginar materialidades através da experimentação com substâncias, segundo o autor “pessoas trans* imaginam a si mesmas no mundo e, assim também refazem o mundo” (2023 p. 74). Desta forma, estes sujeitos se figuram como corpos que assumem a mutação como processo vital de encontros com as “notas que vibram mais forte” (PELBART, 2019, p. 24)

Conclusão

Ainda que as pesquisas sobre hormônios sexuais tendam a pensá-los como aprimoramento, como indica o título do artigo de Rohden “Os hormônios te salvam de tudo” (2018), a testosterona pode, talvez, muito pouco em corpos transmasculinos. Isso foi o que este artigo tentou propor. Dizer que a testosterona pode pouco nesses corpos, se refere aos termos de subjetivação e virilização, por outro lado, há grande potência transformacional nas alianças transmasculinos+testosterona, essas relações apontam para a produção de materialidades que tangem o conceito de sexo. Assim, o lócus de análise testosterona+transmasculinidade se figura enquanto uma possibilidade de fazer deslizar a fixidez pré-discursiva e “natural” do sexo, em contraponto a maleabilidade do gênero enquanto produto localizado na “cultura”.

Assim, um significado de gênero é acoplado no corpo somando-se a outro significado “oposto” se comendo e habitando uma mesma carne. Noções atribuídas à masculinidade e à feminilidade vão se arranjando no espaço de um corpo, produzindo uma singularidade que rompe a noção de forma+função, função+funcionalidade. Devemos, então, re-olhar, atrasar nossas certezas. Mas o que é, aqui, uma buceta? Um peito? Uma cintura? Como toca, o que podemos fazer? O script que pressupõe uma correspondência entre forma/função, entre o que é corpo e o que pode ser incorporado é esmiuçado até sua insignificância nos corpos trans que, de tanto somarem, comerem e metabolizarem, diminuem infinitamente os sentidos prescritivos do corpo. Essa é nossa “existência inexistente”, o que existe na gente é inexistente porque não funciona como se supusera que deveria funcionar, mas não por isso deixa de existir enquanto plataforma de experimentação e de possibilidade.

Entretanto, as experiências trans que envolvem o uso de hormônios sexuais passam por uma feitura do corpo que interrompe a temporalidade de progresso cisgênero. O corpo trans não nasce, cresce, se reproduz, envelhece e morre. Além disso, em alguma dessas fases do ciclo de vida, ele muda em um grau de inteligibilidade sexo-gênero. Ele vira outro no referente do sexo-gênero, assim em que medida o devir-com-testosterona é um devir incerto que tensiona a noção de projeto corporal? E como as alianças transmasculinos+testosterona podem sugerir uma reformulação do conceito de sexo enquanto processualidade?

Bibliografia

BARAD, K. “Performatividade queer da natureza”. Revista Brasileira de Estudos da Homocultura, Mato Grosso, n.11, v.3. pg: 300-346, fev, 2021

BUTLER, J. Problemas de gênero. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2017.

HARAWAY, D. Seguir con el problema. Generar parentesco en el Chthuluceno. Trad. de Helen Torres. Bilbao: Edición Consonni, 2019

HALBERSTAM, J. Trans*: uma abordagem curta e curiosa sobre a variabilidade de gênero. Salvador: Editora Devires, 2023.

PELBART, P. Ensaios do assombro. São Paulo: n-1 edições, 2019.

PRECIADO, P. Testo Junkie: Sexo drogas e biopolítica na era farmacopornográfica. São Paulo: n-1, 2018.

RODHEN, F. “Sexual desire, testosterone, and biomedical intervention: managing female sexuality in -ethical doses. Vibrant. Florianópolis, v.14, p.1 - 12, 2017.

ROY, D. Molecular Feminism: Biology, becomings, and life in the lab. Seattle: University of Washington Press, 2018.

TRAMONTANO, L. “Testosterona: as múltiplas faces de uma molécula”. Tese de doutorado. Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2017.